



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



## ENTRE NÓS & A GENTE - O PORTUGUÊS BRASILEIRO SE AFIRMA

Cláudia Aline Zucchi Leite<sup>1</sup>  
Izaildes Cândida de Oliveira Guedes  
Orientadora: Dra. Valéria Faria Cardoso<sup>2</sup>

**Resumo:** O sistema pronominal do Português Brasileiro (PB) tem sido objeto de diversas pesquisas em sociolinguística. Muitos pesquisadores têm-se empenhado em investigar a reorganização do sistema pronominal do PB e, com isso, tem se observado que a inserção do *a gente*, nos falares brasileiros, está cada vez mais frequente. Existe um número significativo de estudos concluídos com base em dados da língua - falada e escrita - nas diferentes regiões do Brasil que o *nós* e o *a gente* concorrem apontando para uma mudança quanto ao uso do pronome nós. Neste artigo abordamos questões relativas à variação linguística, objetivando examinar como se apresenta a alternância da forma do pronome pessoal de primeira pessoa do plural - *nós* - e a forma, originalmente, do substantivo coletivo - *a gente*. Investigamos, ainda, como as ocorrências das formas *nós* e *a gente*, na posição de sujeito, realizado, seguido de verbo flexionado na 1ª pessoa do plural ou 3ª pessoa do singular, se apresenta em uma comunidade de fala no interior do Mato Grosso, denominada Vila Rica. Procuramos observar quais fatores linguísticos e sociais estariam condicionando o uso das variantes *nós* / *a gente* no Português falado nessa comunidade. Tomamos os pressupostos da Teoria Variacionista, fundamentada pelo linguista William Labov (1972), por conceber a língua como um sistema heterogêneo do qual a variação é parte inerente, para procedermos as análises dos dados.

**Palavras-chave:** Variação linguística; nós, a gente.

**Abstract:** The pronominal system of Brazilian Portuguese (BP) has been the subject of several studies in the area of Sociolinguistic. Many researchers have endeavored to investigate the reorganization of the pronominal system and the PB, it has been observed that the insertion the term *a gente* (the people) instead of *we* in the Brazilian`s speaking is increasingly common. There is a significant number of studies completed based on data of the language - spoken and written - in different regions of Brazil and the term *the people* and *we* compete pointing to a change in the use of the pronoun *we*. This article deals with issues relating to linguistic variation, in order to examine how it presents the alternation of the form of the personal pronoun of the first person plural - *we* - and so, originally, the collective noun - *we*. Investigated, yet, as the occurrences of the term *the people* and *we*, in the subject position, held, followed by inflected verb in the 1st person plural and 3rd person singular, is presented in a speech community in the Mato Grosso, called Vila Rica. We Tried to observe what factors would be linguistic and social conditioning the use of variants *we* / *us* at the Portuguese spoken in this community. We take the Theory of Variation, founded by linguist

<sup>1</sup> Alunas do Programa de Mestrado em Linguística – UNEMAT.

<sup>2</sup> Professora da disciplina Introdução à Sociolinguística. 2013/1.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



William Labov (1972), by conceiving language as a heterogeneous system in which the variation is inherent, proceed to the analysis of the data.

**Key-words: Change language: we, the people.**

## 1. INTRODUÇÃO

A realidade do sistema pronominal do Português Brasileiro (PB) tem sido alvo de investigação por diversos estudiosos da sociolinguística. Muitos pesquisadores têm-se empenhado em investigar a reorganização do sistema pronominal do PB e, com isso, já existe um número significativo de estudos concluídos com base em dados da língua - falada e escrita – nas diferentes regiões do Brasil.

Estudos realizados sobre os pronomes *nós* e *a gente* dentro da abordagem variacionista mostram não se tratar somente de uma variação, mas de uma mudança conforme aponta Lopes, (1999). Nesse sentido, tem-se observado os diversos aspectos de uso desse fenômeno linguístico como, por exemplo, a alternância da forma do pronome de 1ª pessoa, *nós*, da expressão *a gente* e o *encaixamento* dessa expressão no subsistema dos pronomes pessoais – seja na função de sujeito, seja na de complemento ou de adjunto.

Em observação às pesquisas já realizadas (Silva, 1996; Lucchesi, 1994,1996; Bagno, 2004) nota-se que o uso do *nós* e do *a gente* é bastante recorrente na fala do português brasileiro apresentando-se muito mais como uma mudança do que uma variação estável. Nosso interesse, neste exercício de pesquisa sociolinguística quantitativa se dá em perceber como este fenômeno se apresenta em uma comunidade de fala no interior do Mato Grosso, denominada Vila Rica, especialmente no que toca à concordância verbal.

Apesar de a gramática normativa prescrever o uso da concordância verbal, muitas pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que, nas variedades populares do português brasileiro, a concordância verbal, definida como regra variável, se apresenta nos falares coloquiais e por vezes nos falares cultos. Desse modo, ao analisar o português popular, nota-se que a aplicação da concordância em 1ª pessoa do plural pode variar da seguinte maneira:

- (a) Nós falamos/falamo/falemo (com desinência número-pessoal ou DNP-P4: - mos ou alomorfes: - mo ou - emo)
- (b) Nós fala (sem desinência)



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



- (c) A gente fala (sem desinência)
- (d) A gente falamos/falamo/falemo (com DNP-P4: - mos ou alomorfes: - mo ou emo)

Diante das variações que se apresenta o quadro dos pronomes brasileiros e percebendo como os falantes da comunidade linguística (Vila Rica) usam o *nós* e *a gente*, investigamos que fatores linguísticos e sociais estariam condicionando o uso das variantes *nós /a gente* no Português falado nessa comunidade.

Para proceder na análise, seguimos os pressupostos da Teoria Variacionista, fundamentada pelo linguista William Labov (1972) por conceber a língua como um sistema heterogêneo do qual a variação é parte inerente.

## 2. O CORPUS

O *corpus* observado se constitui de dados obtidos por meio de entrevistas gravadas em áudio, no mês de maio de 2013, com seis moradores da comunidade, distribuídos igualmente pelos dois sexos. Trabalhamos com três níveis de escolaridade – ensino fundamental (EF), ensino médio (EM) e superior (S) e com pessoas de diversas origens, a saber: goiano, mineiro e gaúcho. Agrupamos em duas faixas etárias. A faixa 1 (f1) é formada pelos medianos, indivíduos de 40 a 55 anos; e a faixa 2 (f2), pelos indivíduos mais velhos, com idade acima de 55 anos. Como pretendemos colher uma amostra da língua falada em situações naturais de comunicação/interação, selecionamos as falas a partir de entrevistas concedidas à rádio local, o que nos possibilitou observar a variável, em estudo, em um contexto tido como formal – uma vez que os falantes eram interrogados por um repórter.

Neste contexto, as falas diziam respeito a problemas sociais, como depredação de órgãos públicos, serviços públicos e também relatos de vida de moradores pioneiros da comunidade.

Como parte do processo de análise, optamos por investigar como ocorrências as formas *nós* e *a gente*, na posição de sujeito, realizado, seguido de verbo flexionado na 1ª pessoa do plural ou 3ª pessoa do singular, deixando de lado as demais formas em que essas variantes se apresentam na língua em uso do Brasil.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



### 3. O QUE DIZEM AS PESQUISAS

Em relação à alternância da forma do pronome de 1ª pessoa, *nós*, da expressão *a gente*, muitos trabalhos têm sido realizados. Destacamos um dos primeiros que discutiu essa questão. Trata-se da pesquisa desenvolvida por Omena (1986, 2003), referência nessa área de estudo, sobre a substituição de *nós* pelo *a gente*. Por meio da análise de um corpus do Projeto Censo/RJ – constata que o fenômeno de variação entre *nós* e *a gente* assinala uma mudança linguística. O resultado desse trabalho, tendo como informantes jovens apontam ao uso do *a gente*. No entanto, percebe-se que com o avanço da idade, os falantes submetem-se ao uso do *nós*, motivados, muitas vezes, pela vida social mais formal.

Apontam também na opção pelo *a gente* os fatores sociais e linguísticos como a escolaridade, sexo, mudança de referência, exposição à mídia, renda familiar, paralelismo formal, mudança de referência, saliência fônica, tempo verbal, grau de determinação do referente e tamanho do grupo.

Outro trabalho que observa essa questão é o de Lopes (1993). Para ela, nos falantes cultos apesar de se constatar essa mudança, ela está ocorrendo de forma mais lenta, ainda mais com falantes com nível elevado de escolaridade. Nesse estudo, os contextos condicionadores das formas se davam através da faixa etária, grau de determinação do referente, sexo, paralelismo discursivo, saliência fônica do verbo e cidade de origem do entrevistado.

No trabalho de (Callou & Lopes, 2003), em que analisa os dados de duas décadas de falantes cultos e não cultos percebeu-se a passagem de *nós* para *a gente* progressivamente. Nos anos 70, o uso da forma mais antiga *nós* superava a forma *a gente*, já na década de 90, o uso era mais frequente da forma *a gente*.

Machado (1995), em sua pesquisa realizada nas comunidades pesqueiras do Norte Fluminense, verifica a ascendência de *a gente* sobre o *nós*, tendo como contexto, fatores discursivos, semânticos e morfossintáticos.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Já Ferreira (2002) traz a alternância *nós* e *a gente* na língua escrita e falada. Em sua análise a autora propõe identificar semelhanças e diferenças, com um corpus composto por informantes com faixa etária de 5 a 46. Seus resultados apontam que, na oralidade, os informantes preferem a forma *a gente*, mas na língua escrita, o emprego que mais ocorre é a forma *nós*. Sendo que, os fatores condicionadores na escrita podem-se destacar a determinação do sujeito, o grau de distinção morfológica entre as formas concorrentes e o nível de escolaridade e na oralidade a saliência fônica do verbo o tempo verbal e gênero discursivo.

Outro apontamento importante apresentado pela autora refere-se ao estágio em que se encontra o processamento da substituição linguística em cada uma das modalidades. Na oralidade, a alternância *nós* e *a gente* constitui-se num processo de modificação avançada. Já na língua escrita, processa-se de forma estável, pelo fato de predominar o planejamento e o monitoramento linguístico no ato de escrever.

Nessa área de estudos, Zilles (2005), propõe-se duas abordagens metodológicas: análise em tempo aparente e análise em tempo real, subdivididas em: um estudo de tendências e um estudo de painel. No estudo de tendência, há a comparação de grupos distintos de falantes, e no estudo de painel, se observa o comportamento dos mesmos indivíduos em diferentes períodos do tempo, tendo como corpus amostras do Projeto VARSUL referentes às décadas de 70 e 90.

A autora sugere ainda que, dos fatores que motivam o emprego da forma *a gente* são: a faixa etária e a concordância verbal. De acordo com a análise, no que se refere à faixa etária, o comportamento dos informantes consiste numa estabilidade, os informantes mais jovens, a cada nova geração, tendem a ampliar o número do emprego da forma *a gente*. Entretanto, quanto à concordância verbal, constata-se que a opção pelo *a gente* se torna uma escolha mais sustentada, no sentido de evitar o equívoco, ou seja o emprego errado da concordância e o estigma social vinculado a ela.

Desse modo, esses trabalhos à luz da teoria variacionista (Omena, 1986, 2003; Lopes, 1993) entre outros, indicam que mesmo com o uso frequente do *a gente*, principalmente na oralidade, essa mudança ainda não se constituiu completamente no Brasil.

### 3.1. JULGAMENTO SOCIAL



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



A Língua Portuguesa desde a colonização do Brasil, pelos portugueses, apresenta aspectos de variação e mudança, distanciando cada vez mais dos padrões linguísticos tidos como ‘corretos’ estabelecidos pelas normas vindas da camada social dominante. Diante disso, os falares que fogem a tais normas são estigmatizados levando a preconceitos tanto linguísticos quanto sociais.

De acordo com pesquisas no campo da sociolinguística, as variações da língua portuguesa passam por julgamentos de valores originados pelas divisões de classes sociais. Se o falante se insere em uma determinada classe social sua variante linguística vale o que valem os valores de prestígios destinados a tal classe.

Que julgamentos, então, recebem as variações linguísticas, que apresentam ou não concordância verbal? Para se chegar a possíveis respostas, segundo orienta alguns estudiosos da área, seria necessário indagarmos diretamente aos falantes de uma língua sobre o que pensam a respeito de determinada variação ou investigar as ocorrências que aparecem na escrita. Como, neste trabalho, não nos ocupamos destes dados para verificação dos valores negativos ou positivos da variação em estudo, tomamos esse tema, por observarmos, no cotidiano dos falares brasileiros, que as pessoas que dizem *nós fala* ou *a gente falamos* por vezes são corrigidas, por entenderem que apresentam erro, ou são estigmatizadas como um falante pertencente à classe da base da pirâmide social, ou ainda, que se trata de um falante não escolarizado. Como este estudo centra-se no uso do *nós* e do *a gente*, julgamos pertinente pensar como é vista tal variação.

Zilles (2007) ao analisar como a avaliação social do uso de *a gente* se dá na fala e na escrita concluiu que o processo de encaixamento linguístico do *a gente* acelerou na segunda metade do século XX, por força, principalmente do incremento produzido pelo uso dos mais jovens. E, que, como a maioria dos falantes das amostras eram pessoas com instrução universitária, depreendeu-se da análise realizada que o uso de *a gente*, na fala, não é estigmatizado. Entretanto, essa conclusão, ainda que justificada pelo comportamento das pessoas, não corresponde completamente aos fatos.

Como demonstra Zilles (2007) em consulta aos dicionários, *Dicionário Eletrônico Houaiss* da Língua Portuguesa (2001) e o *Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI* se verifica aspectos da avaliação social das formas linguísticas *nós* e *a gente*.

As manifestações linguísticas nas palavras de Bourdieu (1977) (*apud* Molica e Braga: 2004) recebem um valor denominado “mercado linguístico”, aliado a renda, sexo, faixa etária e nível escolar do falante. Percebemos que nas pesquisas sobre as variações do português brasileiro a simplificação dos paradigmas flexionais verbais é recorrente, praticamente cristalizado na fala; fazendo com que o julgamento de valor seja quase inexistente. Sobretudo, quando se trata de concordância verbal que está em desacordo com a gramática, conjugando o sujeito simples com o verbo na primeira pessoa do plural, como no caso de *a gente temos, a gente fizemos*, o valor de “mercado linguístico” é marcante, chegando a ser um marcador social.

O falante, em consonância, ao contexto social de uso da língua, consciente ou não, procura ajustar-se ao padrão estabelecido, ocasionando, por vezes, falares que recebem um valor negativo. Isso poderia ser entendido como um caso de hipercorreção, um fenômeno que “ocorre quando se presta extrema atenção à própria fala, com a preocupação de se ajustar ao padrão, e quando existe insegurança linguística”. (Molica e Braga, 2004). Nessa medida, em situações que exigem o uso formal da língua, ou em que o falante, por ser filmado, se sente obrigado a monitorar a fala, é que há ocorrências da variação *a gente temos, a gente fizemos*.

A questão do julgamento social das variações linguísticas, tão frequentemente marcadas pelas classes sociais, demonstra um modelo de língua a ser seguido que se sustenta numa visão que pensa uma língua homogênea e que tudo que estiver alheio a ela é alvo de preconceito.

#### 4. O QUE NOS MOSTRAM OS DADOS

Diante dos dados coletados na comunidade em estudo, podemos observar que a forma *a gente* concorre com o pronome *nós* caracterizando um paralelismo estrutural como se vê na fala do entrevistado 1.

(1) *a gente aguarda com ansiedade, acreditamos ai prefeito que... dentro desses três meses sai o processo licitatório então da concessão dessas praça publica e da lanchonete do paço municipal.*

Nota-se que o *a gente* ocupa o lugar do sujeito [nós] concordando com o verbo conjugado na primeira pessoa do plural. No quadro geral do uso do *nós* e da forma *a gente* visualizamos as seguintes ocorrências.

Ocorrência de uso de *nós* e *a gente* nas falas dos entrevistados.

Nº. de informantes	Pronome	Ocorrências
06	nós	28
06	a gente	17

Nessa pequena amostra mais de 50% das ocorrências do uso do pronome como referente à primeira pessoa dos plural é representado pelo *a gente*. Isso demonstra a intensidade da variação, a inserção do *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, além de concordar com pesquisas realizadas em outras comunidades brasileiras, como por exemplo, aquelas feitas pelo Projeto NURC-RJ, pelo Projeto Vertentes do Português Rural da Bahia, coordenado por Dante Lucchesi, e outras com importância equivalente, que apresentam um quadro elevadíssimo do uso dessa variação.

#### 4.1. FATORES LINGUÍSTICOS

Observando a alternância *nós/a gente* podemos considerar os fatores linguísticos e sociais. Dentre os fatores linguísticos, analisando a determinação do referente percebe-se como se dá a distribuição de *nós* e *a gente* como recursos de indeterminação do sujeito, tendo em vista, por um lado, que pronomes em princípio definidos, por se inserirem no eixo falante-ouvinte no plano do discurso, podem receber uma interpretação mais abrangente ou mesmo indefinida, como é o caso de *nós* (cf. ILARI et al., 1996); por outro lado, que a expressão *a gente*, por conservar seu traço formal de pessoa e, conseqüentemente, continuar estabelecendo uma relação de concordância com verbos na *terceira pessoa*, mas ter alterado seu traço



semântico, já que pode incluir o falante, pode receber uma interpretação com um grau menor de indeterminação. Temos então, os seguintes exemplos dessa alternância.

(6)... e **nós chegamo** até Caseara e de Caseara o prefeito de Santa Terezinha mandou um outro carro da fazenda pra buscar nós que era de seu Rubens pai do Ricardo que tinha aqui.

(2) Mas **a gente tamo** pedindo a população, vocês da imprensa que esteja nos ajudando ali na fiscalização da praça (...) **a gente pede** a parceria da população pra nos ajudar a pouco tempo o prefeito plantou umas 600 e poucas árvore já rancaram 180 e **nós já tamo** com dificuldade...

(7)...entao o prefeito regularizou..com isso **nós vamos** ter o bairro vila nova regularizado..depois vamos passar pra outros bairros que **a gente sabe** que precisa São Pedro , né que precisa estar regularizando também, mas de imediato é um anseio do prefeito...

A referência [± indeterminado] funciona como ponto de apoio para a seleção *nós/a gente*: *nós* se apresenta com um grau elevado de inclusão do *eu* e [- indeterminado], e *a gente*, por sua vez, se manifesta com um grau mínimo de inclusão do *eu* e [+ indeterminado]. Em (6) nota-se o elevado grau de inclusão do falante no conjunto representado pelo *nós*; em (2) apresenta um grau menor de inclusão do falante; em (7) também há um grau menor de inclusão do falante; o *a gente* é usado para representar um conjunto mais generalizado representando todo o grupo [político] responsável pela manutenção das praças públicas.

Quanto ao uso dos pronomes e a concordância verbal observamos que 80 % dos falantes usam o *nós* fazendo a concordância verbal com a primeira pessoa do plural ao passo que 30 % usam o *a gente* concordando com a primeira pessoa do plural, como se observa no quadro abaixo.

Uso da variante *nós* e *a gente* com concordância verbal na 1ª. Pessoa do plural.

Pronome	Frequência
nós	22/28
a gente	05/17

Em consonância ao que ocorre em todo território brasileiro, percebemos que os falantes desta comunidade utilizam a concordância verbal diferentemente das relações canônicas estabelecidas pelo português, como é possível visualizar nas falas.

(2) *Bom Rafael **a gente temos** não só a praça Ligori mas nós temos também aqui a praça Poromgaba nós temos uma lanchonete dentro do paço municipal aqui da prefeitura e a principio que **a gente entramos** no mandato nosso e **a gente fomo** verificar a legalidade desta licitação ela tem que ser feita por sessão pública e então nós estamos aguardando...*

(6) *ái eu não quis trabalhar mais ai eu fui morar numa casa separa meu marido arrumou pra mim mais ele e os menino **nós fomo** separar e eu parei de trabalhar...*

Em (2) o sujeito [a gente] concorda com a primeira pessoa do plural; o que se compreende que por tratar-se de uma situação de comunicação formal o falante tende a remeter ao modelo padrão subtendido, consciente ou inconsciente, como a forma mais prestigiada. Ocorre dessa estrutura formulada, uma restituição exagerada da concordância verbal, qual seja: sujeito simples/verbo na 1ª pessoa do plural. Em (6) o pronome *nós* aproxima da forma prescrita pela gramática normativa, porém, apresenta enfraquecimento da desinência –mos; há uma erosão na fonética, ou seja perda do –s.

Ainda, quanto à concordância verbal analisamos que no total das ocorrências do pronome *nós*, 20% apresenta concordância com a terceira pessoa do singular e nas ocorrências do *a gente* 75% fazem concordância com a terceira pessoa do singular.

A alternância *nós/a gente* na função de sujeito aparece sob os seguintes percentuais.

#### Ocorrências do *nós* e *a gente* como sujeito realizado

Pronome	Frequência
nós	27/28 27%
a gente	15/17 89%



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



A alternância do *nós/a gente*, na comunidade de Vila Rica, apresenta o mesmo grau de alternância em todo país. Percebe-se que o uso do *a gente* é superior ao uso do *nós* o que caracteriza uma mudança no português brasileiro. Nesses percentuais compreendemos que tais variações, na função de sujeito, não concorrem de igual modo, mas há um apagamento do pronome *nós* em substituição pelo *a gente*.

#### 4.2. FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Conforme mencionamos, acima, como constituímos o corpus deste trabalho, observamos neste exercício de análise sociolinguística as motivações extralinguísticas que influenciam o uso da variação *nós* e *a gente*.

##### *Sexo*

Os dados nos mostram que tanto os informantes do sexo masculino (37%) quanto do feminino (37%) usam a variante *a gente*. Quanto ao uso da variante *nós* 65% das ocorrências aparece nos informantes do sexo masculino e 36% no feminino. Esses dados contrariam algumas pesquisas que demonstram que as mulheres tendem a conservar a forma padrão da língua. Talvez, neste caso, o que ocorre seja devido a amostra de que nos ocupamos.

##### *Faixa etária*

Os resultados mostram que as pessoas da faixa etária 2 (36%) estão usando mais a variante *a gente* do que as pessoas acima de 55 anos (18%). Podemos analisar que a forma pronominal inovadora [*a gente*] está sobrepondo à normativa [*nós*]. Certamente, se esta pesquisa se estendesse a um maior número de informantes verificaríamos, com mais intensidade, que esse fenômeno tende a ocorrer na fala das pessoas mais jovens.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



## *Escolaridade*

Neste fator notamos que a variante *a gente* aparece mais na fala dos informantes que possuem o ensino fundamental (65%), em especial, na forma mais estigmatizada pela escola, como *a gente temo*, *a gente entramos*, conforme apresentada pelo informante 1.

*bom .... a gente temos não só a praça Ligori mas nós temos também aqui a praça Poromgaba nós temos uma lanchonete dentro do paço municipal aqui da prefeitura e a principio que a gente entramos no mandato nosso e a gente fomo verificar a legalidade desta licitação ela tem que ser feita por sessão publica e então nós estamos aguardando o que..*

Quanto a variante *nós* 68% ocorre na fala dos informantes que possuem o ensino fundamental, 15% nos que possuem o ensino médio e 15% para o que possuem ensino superior. Sobretudo, consideramos que esse fator não se apresentou tão significativos quanto tem sido demonstrado pelas pesquisas atuais. Uma vez que as pesquisas atuais têm demonstrado que quanto mais escolaridade adquirida pelos falantes, mais tendência há em abandonar o uso do pronome *nós* em detrimento da variante inovadora *a gente*.

## 5. CONCLUSÃO

Com esta análise podemos perceber que as variantes *nós* e *a gente* concorrem na fala, da comunidade em estudo, tal como ocorre em todo país. Notamos que a forma *a gente* é usada em detrimento do *nós* na posição de sujeito. Analisamos que o uso do pronome *nós* aparece mais na fala dos informantes na faixa etária mediana (40-55) do que das pessoas acima de 55 anos, demonstrando, com isso, que as pessoas mais idosas conservam mais a variante considerada como padrão do português brasileiro.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



O exame da alternância das formas *nós/a gente* mostrou que as formas estigmatizadas que evidenciam uma relação de concordância não-canônica aparecem em nosso *corpus* com oito ocorrências. Todos os dados evidenciam, em consonância com as pesquisas realizadas em outras comunidades brasileiras, que o quadro pronominal do português tende a uma mudança devido a inserção da forma *a gente*.

No que se refere à pesquisa do uso da variação *nós* e *a gente* na comunidade de Vila Rica, enfatizamos que se faz necessário ampliar os estudos para perceber como essa variação intensifica na fala dos vila-riquenses. Contudo, podemos observar que, nesta comunidade, o uso do *nós* e do *a gente* aparecem de modo significativo tal qual nos falares das demais regiões brasileiras.

Enfatizamos ainda que, apesar de muitos terem um imaginário de língua una em que somente determinadas formas são consideradas do “bem falar”, outras pesquisas de cunho variacionista vem apontando para uma nova maneira de tratar a linguagem, oferecendo aos usuários da língua uma perspectiva mais dinâmica sobre o português brasileiro.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. 2ª edição; edições Loyola, São Paulo, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALLOU, D. & LOPES, C. **Contribuições da sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e da mudança linguística**. João Pessoa. Revista do GELNE, vol. 5, nº. 1 e 2, 2003, p.63-74.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002. Educação, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986, 2:286 – 319.

FERREIRA, D. C. L. **O tratamento das formas pronominais “nós” e “a gente” na escrita**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



ILARI, Rodolfo et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida. (Orgs.). **Gramática do português falado: estudos descritivos**. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. v. 4. p. 79-166.

LOPES, C. R. dos S. **A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português: percurso histórico**. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1999. Tese (Doutorado).

\_\_\_\_\_. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LUCCHESI, Dante. **A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso**. A Cor das Letras 3: 73-100, 1999.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Sociolinguísticos do Português Brasileiro**. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.

MACHADO, M. S. **Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”: variação em dialetos populares do norte fluminense**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

OMENA, N. P. de. **A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?**. In: PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003: 63-80.

\_\_\_\_\_. **A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural**. In: NARO, A. J. et alii: *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986, 2:286 – 319.

TAMANINE, A. M. B. **A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2002.

VIANNA, J. B. de S. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

ZILLES, Ana Maria S. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, junho, 2007.